

Manifestações de gênero no processo de adolecer

Adriana Dora da Fonseca e Vera Lúcia de Oliveira Gomes*

*Departamento de Enfermagem, Fundação Universidade Federal do Rio Grande. *Autor para correspondência. Av. Presidente Vargas, 602, 401, 96202-100, Rio Grande, Rio Grande do Sul, Brasil. e-mail: vlogomes@terra.com.br*

RESUMO. Este estudo foi realizado com o objetivo de identificar se manifestações de gênero se faziam presentes nos escritos de estudantes de uma escola particular do Estado do Rio Grande do Sul. Analisaram-se 114 respostas à pergunta “Quais as qualidades que você gostaria que seu namorado ou namorada tivesse?”. Utilizou-se uma abordagem qualitativa através da técnica Temático-freqüencial de Bardin (1977). As respostas expressaram as necessidades de adolescentes em relação à/ao companheira/o idealizada/o e foram categorizadas em psicobiológicas e psicossociais. Comparando as respostas, percebeu-se que reproduzem antigos estereótipos: enquanto as moças se mostram românticas e sonhadoras, os rapazes “corporificam” seus desejos, procurando demonstrar maior liberdade sexual. Considerando que o gênero é fruto de um processo de construção social em que muitas vezes a condição masculina é mais valorizada, torna-se fundamental que se procurem desenvolver relações de equidade entre os sexos. A enfermagem precisa engajar-se nessa perspectiva. Para isso, é necessário inovar o discurso e as práticas, indo além da prevenção de gravidez indesejada e de DSTs. É preciso dar espaço para adolescentes discutirem o sexo-prazer, sabendo que é possível exercer a sexualidade sem temores nem sentimentos de culpa, de maneira responsável e feliz.

Palavras-chave: gênero, adolescência, enfermagem.

ABSTRACT. Gender manifestations in adolescence process. The aim of this study was to identify if gender issues were manifested in students' writings of a private school in Rio Grande do Sul. 114 responses to the following question: "What qualities would you like your boyfriend/girlfriend to have?" were analyzed. For the analysis, a qualitative approach from Bardin's (1977) thematic-frequency technique was used. The responses showed the adolescents' needs towards their idealized companion and those needs were categorized as psychobiologic and psychosocial. According to the responses, we noticed that old stereotypes were reproduced: whereas the girls are shown to be romantic and dreamers, the boys 'embody' their desires as an attempt to demonstrate more sexual freedom. Considering that gender is a result of a social construction process, which values more the masculine condition, it is fundamental to develop relationships of equity among the sexes. Thus, nursing needs to engage in this perspective. For this, it is necessary to innovate the speech and practices, going beyond prevention of unwilling pregnancy and of STDs. Adolescents should be free to discuss sex and pleasure. They need to know that it is possible to exercise sexuality in a responsible and happy way, without fear or guilty feelings.

Key words: gender, adolescence, nursing.

Introdução

Partindo do pressuposto de que o ser humano se constrói no interior de estruturas por ele criadas, ou seja, constrói a si mesmo em seu processo de viver, optamos por analisar informações colhidas entre adolescentes com o objetivo de identificar se manifestações de gênero se fazem presentes em seus escritos e também refletir sobre o processo de viver de adolescentes na perspectiva da construção social

de gênero, bem como suas implicações para o trabalho em saúde e enfermagem.

Gênero é fruto do somatório de situações experienciadas ao longo da vida. É inquestionável que o ser humano nasce totalmente dependente de cuidados, carinho e proteção, na maioria das vezes, dispensados pela figura materna. Cada etapa requer maturidade e estímulo para que o desenvolvimento ocorra de maneira satisfatória. Assim, para dar os primeiros passos, abandonar as fraldas, escrever as

primeiras letras, entre outras coisas, é necessário o apoio seguro, compreensivo e amoroso da mãe. Essa, além de literalmente dar a mão e andar junto, entusiasma-se com cada progresso da criança e passa a ter esse assunto como foco no convívio familiar.

No que se refere à sexualidade, todas as vivências são importantes. O relacionamento entre os pais, com irmãos, irmãs e demais familiares, o grupo de amigos e amigas, a religião, o clube e a escola interferem significativamente nesse processo.

A experiência tem demonstrado que, desde muito cedo, a criança começa a demonstrar curiosidade. Segundo Souza (1998), estatisticamente, a ordem cronológica em que costumam ocorrer as indagações sexuais é previsível. Em torno de dois e três anos, indagam sobre a origem dos bebês e as diferenças entre os sexos. Aos três e quatro anos, questionam sobre o nascimento. A partir daí, deslocam sua curiosidade para o papel do pai na reprodução. Embora reconheçamos um significativo avanço nas respostas dadas às crianças, pois hoje não se fala mais em cegonha, é preciso reconhecer que, em nossa sociedade, esse assunto está muito longe de ser encarado com a naturalidade e o entusiasmo que acompanham todas as outras etapas do desenvolvimento da criança.

Parece-nos ser um grande tabu a referência aos órgãos sexuais. Para a maioria das crianças, é ensinado que o bebê vem da barriga da mãe. No entanto, no que se refere ao parto, a criança aprende apenas que o bebê sai “pela barriga da mamãe”. Por que será que não se faz referência ao parto vaginal?

Quando o questionamento refere-se ao papel do pai na reprodução, surge a famosa metáfora da sementinha. Porém, se a criança insiste em saber detalhadamente “como ocorre”, na maioria das vezes, o assunto é desviado. A partir daí, as indagações são seguidas de silêncio, repreensão e/ou rubor entre outras reações adversas que evidenciam claramente que sexo e sexualidade são assuntos feios, sujos, ou seja, proibidos. É importante ter em mente que, seja qual for a conduta adotada pelo adulto, ela passará à criança uma mensagem. O fato de a mensagem ser proibitiva não anula a curiosidade infantil, apenas faz que a criança busque outras fontes de informação. Essas, na maioria das vezes, incorretas, incompletas e carregadas de malícia e de preconceito.

Se, nas primeiras indagações, a curiosidade da criança for sanada de maneira natural, simples, clara e verdadeira, ela perceberá que sexo e sexualidade são dimensões da vida. Inteirar-se desses, como de outros assuntos, faz parte do desenvolvimento. Nesses casos, poderá ter na família e na escola suas

fontes de formação e de informação, desfrutando da sexualidade de maneira natural, com prazer e responsabilidade, tornando assim o processo de adolecer mais saudável.

Revisão de literatura

A adolescência é uma fase de transição, tudo se altera em um espaço de tempo muito curto. Essa fase é marcada pela aventura de cada descoberta, pelo desabrochar da sexualidade, pelas mudanças corporais, em que a menina e o menino se vêem a lidar com um novo corpo, ainda desconhecido, e a adequar-se a um novo papel na vida: o de mulher e o de homem. Nessa fase, normalmente procuram desenvolver uma identidade, um jeito de ser só seu. A bagunça, o som alto, o isolamento talvez sejam uma forma de se distanciarem do jeito de ser de seus pais, para descobrirem como realmente são.

Percebem que o mundo é maior do que sua família e que inúmeras coisas acontecem nele, muitos assuntos até então desconhecidos passam a lhes interessar. Nessa busca, conhecem-se melhor, prestam mais atenção às suas próprias reações e às dos outros. Percebem que as pessoas pensam diferente umas das outras. Provavelmente ainda não tenham opinião formada sobre muitas coisas. Pode haver uma grande confusão; ora buscam os cuidados protetores dos pais, ora manifestam irritabilidade por serem mimados ou por receberem cuidados especiais.

Ocorre o processo de maturação sexual, muito temido pelas mães e pelos pais, devido às novas responsabilidades e riscos inerentes a essa fase da vida. A sexualidade ainda é uma questão difícil de ser abordada, apesar dos trinta anos decorridos desde o eclodir da revolução sexual. A questão sexual ainda fica “abafada” nas relações entre pais e filhos. Em relação a essa temática, Verardo (1987: 42) declara que “pais, professores e a sociedade enquanto um todo insistem em não tocar no assunto, fazendo dele um tabu.”

Teixeira, *apud* Verardo (1987: 41), relata que:

A sociedade tem um discurso liberalizante, mas uma prática conservadora; a criança é solicitada pelos meios de comunicação a ter um determinado comportamento, mas ao mesmo tempo é reprimida e mal informada pelos pais, pela escola, pela sociedade em geral.

Verardo (1987) assegura, ainda, que há uma desinformação sexual entre os jovens, e suas conseqüências são desastrosas. Defende que a família deveria assumir o compromisso informativo e formativo. Na maioria dos casos, ela acredita que a escola esteja desempenhando esse papel. A escola, por sua vez, afirma que a educação sexual deve

iniciar-se na família. Cria-se, assim, um círculo vicioso. Como consequência, muitas vezes, adolescentes trocam entre si as informações incorretas, distorcidas ou incompletas de que dispõem (Fonseca, 1996). Corroborando com essa afirmação, Pinto (1995: 251) comenta que “os parceiros/as sexuais transformam-se em mestres, de um suposto saber sexual que, na realidade, não têm”.

Reconhecemos que a família tem papel fundamental nessa formação, mas a escola não pode eximir-se de sua responsabilidade. Deveria proporcionar aos jovens condições para discutir a diversidade, desenvolver o pensamento crítico, diminuir preconceitos e mostrar que a sexualidade pode ser percebida como algo saudável, prazeroso e natural. Poderia, ainda, procurar cultivar o respeito ao corpo e aos sentimentos.

A maioria das escolas brasileiras não dispõe de um programa de orientação sexual consistente. Gostaríamos de esclarecer o que entendemos por educação sexual e orientação sexual. A primeira refere-se ao processo de viver que é iniciado durante a gravidez, ou seja, a educação sexual começa na família e inclui desde os preparativos para receber o novo membro como o enxoval do bebê, em que pela cor das roupas, com muita frequência, identifica-se o sexo da criança, até as diversas influências, que esse ser receberá ao longo de sua vida, entre elas destacamos a religião e a mídia. A educação sexual é formativa. Já a orientação sexual é um complemento da educação sexual. Na maioria das vezes, esse papel é realizado pela escola, embora, frequentemente, esta se limite a esporádicas “palestras” referentes à anatomia e à fisiologia do aparelho reprodutor. A orientação sexual é, portanto, informativa.

Há autores que utilizam o termo orientação sexual para designar a opção sexual em nível individual e educação sexual para expressar as informações fornecidas nas escolas. Para Cavalcanti (1995: 40) “é incrível como as pessoas confundem educação com informação”. Para esse autor, a informação é apenas um estágio do processo educativo, que, sendo exercida de forma isolada, não leva à modificação de atitudes, sem as quais não obteremos mudanças significativas de comportamentos e de hábitos.

Vimos até aqui que uma característica marcante da adolescência é o “fervilhar” da sexualidade. Patrício (2000) comenta que um dos principais motivos geradores de conflito ocorre no momento em que jovens manifestam o desejo de experimentar sua sexualidade com o outro. Para nós, isso ocorre porque, na maioria das vezes, tanto a família quanto a sociedade associam a iniciação sexual ao risco

iminente de gravidez e de doenças sexualmente transmissíveis.

Devemos considerar também que, nos meios de comunicação, a sexualidade está, na grande maioria das vezes, presente, num apelo erótico aos jovens. Em poucas ocasiões, abordam os problemas que as/os adolescentes podem enfrentar no aflorar da sua sexualidade, como gravidez indesejada, violência sexual, doenças sexualmente transmitidas, entre outros. Questões referentes ao amor, à descoberta, à sexualidade plena, ao prazer sem medo excepcionalmente são mencionadas. Hoje a TV está presente na maioria das casas. Costumes e valores que antes levavam anos para mudar, agora se transformam rapidamente. Podemos incluir, nessa perspectiva, o mais revolucionário meio de comunicação mundial, a Internet, que conseguiu, inclusive, introduzir o sexo virtual em nosso meio.

Falamos de algumas instituições sociais que participam da educação sexual de jovens. Segundo Bruns (1995), cada sociedade impõe às pessoas viverem a sexualidade de acordo com normas, valores, crenças e regras construídas ao longo do processo histórico-cultural. Como já comentamos anteriormente, desde o início da gestação, o sexo social começa a ser produzido, é o que estamos denominando de gênero.

Foi na década de 80 que o termo *gênero* começou a ser utilizado, principalmente por estudiosas feministas americanas, na tentativa de focalizar os processos de formação de feminilidades e masculinidades. Esse conceito surgiu da necessidade de diferenciar as características biológicas das sociais. Enquanto sexo se refere à identidade biológica de uma pessoa, gênero está ligado à sua construção social como sujeito masculino ou feminino. Essa diferenciação foi necessária num contexto de luta contra as interpretações biologistas que viam, nas diferenças biológicas, uma explicação e uma justificativa para as desigualdades entre homens e mulheres.

Louro (1996:10) relata que “muitos dos atributos tidos como ‘naturais’ nas mulheres ou nos homens são, na verdade, características socialmente construídas”. Para esta autora, *gênero* tem característica fundamentalmente social e relacional. Social porque é enfatizada a construção social e histórica produzida sobre as características biológicas. Relacional porque “é no âmbito das relações sociais que se constroem os gêneros” (Louro, 1997: 22).

Material e Métodos

Coleta dos dados

No dia 12 de junho de 2000, estivemos em uma escola particular de ensino fundamental e médio, dirigida por padres Salesianos, de uma cidade do interior do Estado do Rio Grande do Sul. Chamou-nos a atenção um painel contendo um grande número de mensagens. Aproximamo-nos dele e percebemos que era formado por pequenas descrições de adolescentes a respeito de suas/seus idealizadas/os namoradas/os. Achamos criativo e interessante, fomos, então, investigar o objetivo da confecção do referido painel. A vice-diretora da escola informou-nos que fora construído em comemoração ao dia dos namorados. A professora de religião da 8ª. série do ensino fundamental e dos 1º. e 2º. anos do ensino médio havia solicitado aos estudantes que respondessem a seguinte pergunta:

“Quais as qualidades que você gostaria que sua/seu namorada/o possuísse?”

Salientou que não havia necessidade de identificação, considerando que as respostas ficariam expostas no pátio da escola por uma semana. Investigamos, ainda, qual seria o destino daquele material. Ficamos sabendo que seria destruído. Solicitamos, então, a cedência do mesmo para que fosse realizado um estudo sobre “gênero na adolescência”. Informamos à vice-diretora que o estudo poderia ser divulgado em eventos ou mesmo publicado em periódicos das áreas da saúde e/ou educação. Informamos ainda que, em qualquer situação, seria garantido o anonimato tanto das/os adolescentes quanto da Escola. Ela respondeu-nos que encaminharia o pedido ao Padre Diretor. Referiu também que, em sua sala, havia duas ou três respostas mais “pesadas” que não puderam ser expostas. Pedimos-lhe que as incluísse.

Passados aproximadamente 10 dias, recebemos um envelope contendo todo o material. Isso nos levou a presumir que estávamos autorizadas a desenvolver esse trabalho, bem como a divulgar seus resultados.

Tratamento dos dados

Eram 114 impressos, sendo 60 elaborados por moças e 54 por rapazes. Todos foram lidos inúmeras vezes até que se tornaram mais claros e pudemos perceber qual a metodologia mais adequada para analisá-los.

Optamos por um estudo qualitativo do tipo *Análise de Conteúdo*. Esse possibilita compreender o sentido da comunicação e, ainda, desviar o olhar para um significado implícito. Utilizamos técnicas

do tipo temático e freqüencial. Percebemos que os impressos apresentavam conteúdo bastante diversificado. Enquanto uns continham, com maior ou menor detalhamento, as qualidades que as/os adolescentes esperavam encontrar em suas/seus namoradas/os, outros continham poesias ou mesmo letras de músicas românticas. Estes, em número de 21, foram excluídos. Assim, utilizando como critério a variável sexo, os impressos foram divididos em dois grupos, ficando a amostra deste estudo constituída por 51 impressos redigidos por moças e 42 por rapazes, totalizando 93 elementos.

Visando uniformizar a análise, estabelecemos que a codificação seria efetuada através da categoria das palavras. Assim, na unidade de registro deste estudo, foram incluídos todos os adjetivos, as gírias com sentido de adjetivos como, por exemplo, “gatinho” e substantivos abstratos como, por exemplo, “amor”, associado a qualquer outra palavra como, por exemplo, “que me desse muito amor”.

Nessa etapa, as unidades de registro foram transcritas exatamente como apareceram nos impressos. Essa conduta foi mantida mesmo nos casos em que ficasse evidente que duas unidades de registro tinham sentido muito semelhantes como, por exemplo, bonito e lindo, e amor verdadeiro e que me amasse.

Através da verificação da freqüência simples constatamos que o grupo das moças listou 56 diferentes unidades de registro, a partir de agora referidas simplesmente como “qualidades”. Considerando que várias moças poderiam escolher uma mesma qualidade, encontramos um total de 191 qualidades. O grupo de rapazes listou 62 qualidades diferentes e totalizou 144 qualidades.

Dando seqüência, os dados foram agrupados através de aproximações semânticas. O critério utilizado nesta fase foi a ordem decrescente de freqüência. Segundo Bardin (1977: 109), “a aparição de um item de sentido ou de expressão será tanto mais significativa em relação ao que se procura atingir na descrição ou na interpretação da realidade visada, quanto mais esta freqüência se repetir”.

Neste estudo, a regularidade quantitativa de aparição de uma qualidade expressa o quanto essa é valorizada pelas/os jovens. As qualidades com freqüência igual a um, que não tinham aproximação semântica com nenhuma outra categoria, foram agrupadas na categoria “outras”.

Depois de repetidas leituras, percebemos que, ao responder a pergunta: “Quais as qualidades que você gostaria que sua namorada ou seu namorado

possuísse?”, as/os adolescentes estavam imaginando alguém com quem partilhar suas vidas, ou seja, expressando algumas de suas “necessidades sentidas”. Boff (1998: 150) diz que o ser humano é um ser de necessidade,

tem necessidade de comer, de vestir-se, de abrigar-se, de reproduzir-se, de comunicar-se e de imaginar um sentido último da vida e do universo. A vida depende, na realidade, de um prato de arroz e de feijão, de um pouco de água e de alguém com quem compartilhar a caminhada de vida.

De acordo com a Teoria da Motivação Humana de Maslow (1970), as necessidades básicas são classificadas em superiores e inferiores. Estas últimas são mais localizadas, limitadas e corporais, sendo exemplificadas pela fome, pela sede, pelo frio e pela segurança. As necessidades inferiores podem ser saciadas mais facilmente. As necessidades superiores como o amor, o respeito, a verdade e a beleza são ilimitadas e de satisfação mais complexa.

Há uma hierarquia definida entre as necessidades. As fisiológicas são mais fortes que as de segurança e esta, por sua vez, mais forte que as de amor e respeito que, na realidade, só se manifestam à medida que as demais estejam satisfeitas.

Essa teoria serviu de fundamentação para que Horta (1979) introduzisse o conceito de “necessidade” na Disciplina de Enfermagem Brasileira. No entanto, a referida autora optou por utilizar a classificação de necessidade proposta por Mohana. Assim, as necessidades básicas foram classificadas em psicobiológicas, psicossociais e psicoespirituais.

Utilizando esse referencial, constatamos que duas categorias principais se tornaram evidentes, ou seja, as necessidades psicobiológicas e as necessidades psicossociais. Por se tratar de uma escola com orientação religiosa, chamou-nos a atenção o fato de não haver sido listada nenhuma qualidade referente à necessidade psicoespiritual. Acreditamos que o aspecto repressivo das religiões possa ter influenciado nesse resultado. Alves (2000: 112) nos dá base para essa inferência ao afirmar que “o cristianismo nunca conseguiu lidar com os prazeres do corpo numa boa”.

Resultados e discussão

A categorização utilizada para análise deste trabalho considerou as necessidades psicobiológicas e as psicossociais, conforme se observa nas Tabelas 1 e 2:

Tabela 1. Necessidades psicobiológicas.

Moças (51)		Rapazes (42)	
Qualidades	Frequências	Qualidades	Frequências
Bonito/lindo	06	Bonita/linda	30
Gostoso	05	Gostosa	06
Charmoso	02	Sensual	05
Gatinho	02	Alta/magra	04
Outras	02	Outras	03
Total	17	Total	48

Tabela 2. Necessidades psicossociais.

Moças (51)		Rapazes (42)	
Qualidades	Frequências	Qualidades	Frequências
Amoroso/carinhoso	55	Amorosa/carinhosa	27
Amigo/compreensivo	47	Fiel/sincera	21
Fiel/sincero	44	Amiga/compreensiva	18
Alegre	10	Alegre	10
Outras	18	Outras	20
Total	174	Total	96

Analisando o conjunto de dados constantes deste estudo, inferimos que eles expressam, pelo menos parcialmente, valores, crenças, hábitos, conhecimentos, costumes, necessidades, enfim, os inúmeros fatores que interferem no processo de viver de adolescentes. Podem, portanto, representar a concepção, que até o momento têm formada, a respeito de gênero, que é fruto das vivências de cada um.

A análise dos impressos foi elaborada levando em consideração o número de qualidades listadas, ou seja, o grau de detalhamento e o conteúdo propriamente dito.

No que se refere ao grau de detalhamento, os 93 adolescentes listaram 335 qualidades, o que perfaz uma média de 3,6 qualidades por impresso. As 51 moças listaram 191 qualidades que desejavam encontrar em seus namorados, o que corresponde a uma média de 3,7 qualidades por impresso. Os 42 rapazes listaram 144 qualidades, o que corresponde a uma média de 3,4 qualidades por impresso. Podemos dizer que não há diferença significativa quanto ao número de qualidades listadas por moças e por rapazes, ou seja, quantitativamente os impressos são semelhantes.

Analisando o conteúdo dos impressos, constatamos que, enquanto 51 moças listaram apenas 17 qualidades psicobiológicas que gostariam de encontrar em seus namorados, os 42 rapazes listaram 47, ou seja, em média, cada rapaz incluiu, pelo menos, uma qualidade física na descrição de sua namorada, enquanto, a cada 3 moças, encontramos apenas um aspecto físico listado. Isso demonstra que os rapazes valorizam muito mais a aparência física que as moças (Figura 1).

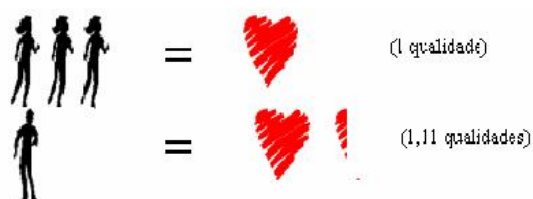


Figura 1. Média das qualidades psicobiológicas.

Entre as qualidades psicobiológicas listadas exclusivamente por rapazes, encontramos corpo perfeito, bunda fofinha, dois pares de seios, magra, seios avantajados e redondos, incrível vagina e um canhão de baixo dos lençóis. Entre as qualidades listadas exclusivamente por moças, encontramos loiro ou moreno, citado no mesmo impresso, o que nos leva a deduzir que esse aspecto seja indiferente. Encontramos ainda gatinho, charmoso e beleza não conta. Seguindo o mesmo raciocínio, para as necessidades psicossociais, percebemos que a média de qualidades listadas pelas moças foi de 3,4, enquanto para os rapazes foi de 2,3 (Figura 2). A diferença torna-se mais significativa quando destacamos algumas qualidades listadas exclusivamente por rapazes, entre elas: “sexu”, sensual, rica, pouco ciumenta, que se orgulhe em namorar comigo, que não abra a boca para dizer nada, igual a um anjo, humilde, cozinhe bem, ajude a superar dificuldades e calma. Dentre as características listadas exclusivamente por moças, encontramos “não dependesse de mim, não brigasse comigo, menos grosso, menos galinha, menos ciumento, generoso, compreendesse meus defeitos e me aceite como sou”. Comparando as listagens, percebemos que elas reproduzem claramente antigos estereótipos. As moças mostram-se românticas e sonhadoras, autênticas representantes do “sexo frágil”, enquanto os rapazes corporificam seus desejos procurando demonstrar maior “liberdade sexual”.



Figura 2. Média das qualidades psicossociais.

Conclusão

As moças e os rapazes desse estudo, através das listagens de qualidades elaboradas, reproduzem as concepções de Boff (1998). Esse autor nos leva a refletir sobre a característica dualista que predomina atualmente, a qual é fruto de uma construção social.

Nessa dualidade, manifestam-se nitidamente o feminino e o masculino. A dimensão do feminino é a capacidade de captar totalidades articuladas, de cultivar o mundo interior, de dar espaço à ternura, ao cuidado e à sensibilidade para o mistério do ser humano, da vida e do universo. A dimensão do masculino é o espírito da geometria, a capacidade de racionalizar, de superar dificuldades, de competição, de autoconfiança, de concretizar projetos com determinação e de construção de um projeto de vida ou de civilização.

Para que o processo de viver se desenvolva de forma harmoniosa é indispensável que as dimensões feminina e masculina estejam presentes em cada ser humano, havendo predominância da dimensão feminina na mulher e masculina no homem. No entanto, historicamente percebemos uma supervalorização da condição masculina, o que leva a mulher a ser tratada de maneira preconceituosa e discriminatória. Atualmente, inúmeros são os segmentos da sociedade que procuram minimizar essa dualidade. Boff (1998: 144) nos diz que hoje a humanidade procura “desenvolver relações de eqüidade entre os sexos. Acolhendo a diferença, incentivando a reciprocidade e valorizando a complementaridade”.

Acreditamos que, no despertar do novo milênio, o papel da educação no desenvolvimento das pessoas e das sociedades amplie-se e aponte para a necessidade de construir uma escola voltada para a formação de cidadãos.

O compromisso com a construção da cidadania exige ações educativas voltadas à compreensão da realidade social e dos direitos e responsabilidades em relação à vida pessoal e coletiva e a afirmação do princípio da participação política.

A enfermagem vem demonstrando engajamento nesse processo à medida que se volta à construção de novas políticas e práticas em saúde, buscando estratégias direcionadas à saúde individual e coletiva de adolescentes e à incorporação de novas tecnologias educacionais (Mendes, 1996).

Parece fundamental, entretanto, uma ampliação da participação de profissionais da enfermagem no processo de assistir adolescentes. Embora seja de inestimável valor a prevenção da gravidez indesejada, da Aids e de outras doenças sexualmente transmissíveis, é necessário inovar o discurso e as práticas. Adolescentes precisam ter espaço para discutir o “sexo-prazer”. Precisam saber que é possível viver a sexualidade sem temores e sem sentimentos de culpa, de maneira responsável e, ao mesmo tempo, feliz.

Referências

- ALVES, R. *E aí? : cartas aos adolescentes e a seus pais*. São Paulo: Papirus, 2000.
- BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Tradução L. A. Reto e A. Pinheiro. São Paulo: Martins Fontes, 1977.
- BOFF, L. *O despertar da águia: o diabólico e o simbólico na construção da realidade*. Petrópolis: Vozes, 1998.
- BRUNS, M. A de T. *et al.* Educação sexual numa visão mais abrangente. *Rev. Bras. Sex. Hum.*, São Paulo, v.6, n.1, p.60-66, 1995.
- CAVALCANTI, R. *A história natural do amor*. São Paulo: Gente, 1995.
- FONSECA, A. D. *Assistência de Enfermagem a mulheres internadas por complicações associadas ao aborto provocado*, 1996. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) - Programa de Pós Graduação em Enfermagem, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1996.
- HORTA, W. de A. *Processo de Enfermagem*. São Paulo: EPU, 1979.
- LOURO, G. L. Nas redes do conceito de gênero. In: LOPES, M. J. M. *et al.* (Org.). *Gênero e saúde*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996. p.10-16.
- LOURO, G. L. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis, Vozes, 1997.
- MASLOW, A. H. *Motivación y personalidad*. 2. ed. New York: Harper & Row, 1970.
- MENDES, M. M. R. *O ensino de graduação em enfermagem no Brasil, entre 1972 e 1994 – mudança do paradigma curricular? 1996*. Tese (Doutorado em Enfermagem). Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 1996.
- PATRÍCIO, Z. M. O cuidado com a qualidade de vida dos adolescentes: um movimento ético e estético de “Koans e Tricksters. In: RAMOS, F. R. S. *et al.* (Org.). *Projeto Acolher: um encontro da enfermagem com o adolescente brasileiro*. Brasília: ABEn/Governo Federal, 2000.
- PINTO, L. F. Televisão e educação sexual. *J. Pediatr.* Rio de Janeiro, v. 71, n. 5, p. 248-54, 1995.
- SOUZA, R. P. *Nossos filhos, a eterna preocupação*. 6. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1998.
- VERARDO, M. T. *Aborto: um direito ou um crime?* São Paulo: Moderna, 1987.

Received on April 03, 2003.

Accepted on October 20, 2003.